

O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO

I. ANNO.

15 de Junho de 1863.

XIX.

SUMMARIO.

	Pags.		Pags.
Agulha em palheiro, por CAMILLO CASTELLO BRANCO	597	Pedro Alvares Cabral desembarcando na terra de Santa-Cruz, por GUILHERME BELLEGARDE.	619
As Leões pobres, pelo DR. JACY MONTEIRO	608	A Messalina, por FERREIRA NEVES.	621
Os passaros de Ahmed o Perfeito, por BRITO ARANHO.	614	A Camillo Castello Branco, por F. X. DE NOVAES.	623
		Chronica, por MACHADO DE ASSIS	627

RIO DE JANEIRO.

Typ. do CORREIO MERCANTIL, rua da Quitanda n. 55.

Agulha em palheiro.

(Continuação.)

X.

O marquez de Tavira...

— Temos gente nova na historia ?!

— E' verdade, leitor. Chegou agora mesmo de Roma a Florença o marquez de Tavira, aulico da côrte do principe proscripto, emigrado desde a convenção, do primeiro sangue de Portugal, sugeito de quarenta annos bem conservados que parecem trinta, arruinado desde seu setimo avô, mas ainda rico d'umas riquezas inexhauriveis de fidalgos portuguezes velhos — a gente de mais industrias e artimanhas que eu conheço — não desfazendo nos fidalgos portuguezes novos, que estes, para se esquivarem á arguição de terem avós arruinados, começam por não terem avós, e renegam os pais, como logicos que são. Este periodo é de abafar !

O marquez, de Tavira hospedou-se em casa de Bartholo de Briteiros. Não se viam desde 1832. Conheciam-se do paço, tratavam-se de *tu*, e tinham rapasiadas communs, posto que Bartholo se lhe avantajasse em onze annos.

Mania fôra sempre de Briteiros aparentar-se com os Cogominhos de Tavira. O marquez dizia que seu avô fallava no parentesco dos Briteiros da casa de Robordochão ; e, dito, isto, regularmente pedia a Bartholo dinheiro, e Bartholo dava o dinheiro ao primo marquez, que era expansivo, quando embriagado ; e embriagado, nas orgias de Queluz, Salvaterra e Alfeite, costumava rir muito de Bartholo de Robordochão, que dava metal amarello a troco de sangue azul.

O marquez, desde a convenção, em que largara a espada de coronel de artilharia, vagueara por França e Belgica, destroçando o restante do patrimonio, vendido pelo terço do valor. Depois fôra á Alemanha em cata do Sr. D. Miguel de Bragança ; e, como encontrasse pobre o real exilado, invocou o seu inquebrantavel espirito, e aprou para Florença, onde o chamava a pascacice do primo Bartholo de Briteiros.

O acolhimento frizou com as melhores esperanças.

O marquez, têve logo, e muito rogado a possuil-os, bellos aposentos, dinheiro a granel, optima convivencia de duas meninas, que o festejavam com franqueza de primas, e as melhores relações de Florença.

Este incidente coincidiu com aquellas tristezas e alegrias de Fernando Gomes, na manhã em que fechava uma carta para Paulina, e abria a outra de seu pai.

Bartholo, sedento de noticias, inguliu quantas mirificas pêtas o marquez inventou, concernentes a restaurar D. Miguel o trono. No dizer do industrioso hospede, a Russia estava a disciplinar-se para talar a Europa, e passar o rôdo sobre as corôas usurpadas. O ex-ministro da Alçada, como bebesse mais alguns calices de champagne, no auge de sua alegria, gosou-se de visões deliciosas, entre as quaes, se a conjectura me é fiel, avultavam os triangulos do caes do Sodré, e as fogueiras do campo de Sanct'Anna. Bartholo quiz pôr luminarias; mas o marquez dissuadiu-o d'uma virtude, que pareceria rídícula a olhos estranhos: a virtude das luminarias!

Passeava, ás seis horas da tarde, d'aquelle dia, Fernando, na praça do Dome. Paulina estava na janella. Passados momentôs, recolheu-se, e reapareceu com uma criada. Fernando comprehendeu, e avizinhou-se. Paulina apontou para o muro do jardim, e sahiu da janella.

Caminhou o moço rente com a parede, e viu a creada debruçada no peitoril d'um caramanchão angular do jardim. Atirou-lhe a carta, e apanhou um bilhete, que ella ao mesmo tempo deixara cair, com uma *saudade*, flor que, em parte alguma, tem o nome suave que portuguezes lhe dão.

Dizia o bilhete:

« A'manhã vamos para Pisa, onde temos de passar alguns dias. « Vai comnosco o primo marquez de Tavira, que chegou hoje de Roma. Se não fosse o medo, eos conselhos da mana Eugenia, pedia-lhe « que se fizesse encontrado comnosco. Seria temeridade? Eu lerei « muitas vezes a sua carta sempre que puder fugir á vigilancia de meu « pai. São tres dias: paciencia! Mando-lhe uma flor, que me faz « lembrar as da nossa patria... Ainda nos veremos lá, Fernando?.. »

Seria temeridade? Este modo de perguntar, está duvida em que Paulina ficava, teve Fernando na perplexidade de minutos em que o coração usa demorar as suas decisões. A ida do marquez com ella para Pisa, o primo marquez, tres dias de ausencia com o primo marquez... este primo marquez foi quem deu um impurrão em Fernando, pela porta fóra de Florença, caminho de Pisa. *Seria temeridade?* seria; mas o contrario, o ficar, o estar tres dias sem vê-la, ainda mesmo que o primo marquez não fosse, isso é que seria pusillanimidade, juizo de mais, excesso que as mulheres amantes consideram coração de menos.

Fernando viu Bartholo e o marquez, com as duas meninas, entrarem na caleche. O marquez sentou-se em frente de Paulina. O filho do artista esperou que a locomotiva passasse rente por elle, e fitou o marquez, em quanto Paulina ia de rosto voltado para vê-lo. Seria ja o ciume que lhe afuzilava nos olhos? O primo convencional dos Britteiros era, como ja se disse, um rapaz de quarenta annos, um gentil

rapaz, quanto se póde sêl-o com um fardo de quasi meio século no espinhaço. As barbas intensas, nitidas, e negras, os longos cabellos á *Saint-Simon*, o porte soberbo, as formas fidalgas, e significativas de destreza e força, as faces ainda rosadas, eram predicados de assustarem um amante de compleição, doentia, poucas carnes, estatura mediana, ar e olhar timorato, e outros attributos de que os authores de novellas nunca revestem os personagens fataes, ditos *leões*.

Assim que a serpe do ciume o mordeu, não havia ja consideração que lhe estorvasse o passo. Fernando partiu para Pisa, curta jornada de algumas horas. Parou na *Piazza dei Cavalieri*, para esperar, n'aquelle centro da celebrada cidade, a passagem da familia. Em que monumentos iria elle procurár Paulina? A'quella hora, a illustre familia de Portugal estava em casa da opulenta ingleza Smith, cujo palacio nas margens do Arno abria seus salões na noite d'aquelle dia. A que parte iria o triste moço, mais triste na soledade da terra estranha, onde elle, como de si dizia Mery, se julgava, ao meio dia, o locatario unico de uma grande cidade? Foi ao *Campo Santo*, vasto jasigo dos que morreram lidando na conquista do sepulcro de Jesus Christo. Seria aquell o local mais ajustado á sua dor? Os tristes sem consolação, como que, refugiados da vida, se travam em mysticas confidencias com as cinzas dos que passaram seu dia chorando, e ali enxugaram as ultimas lagrimas no lençol humido da leiva.

Ao entrar no cemyterio, Fernando recordou as palavras d'um illustre viajante, que tambem la fôra, a recobrar-se de alentos para arcar com a desventura do seu curto dia :

« O *Campo-Santo* exhala poesia de morte, a poesia do nada, a poesia da immortalidade. Este é o verdadeiro cemyterio do christão : não se sente aqui a constrictão d'alma que nos causa o tumulo do homem : suave e religiosa melancolia vai comvosco por entre as quatro galerias funebres, e vos inspira pensares de morte sem pavor. Este torrão não se desentranha em ossadas, nem o verme corroe as carnes : é terra milagrosa que preserva os corpos do insulto das herpes. Envolve-se em magnifico lençol de relvados floridos ; inquadra-se em puras e graciosas ogivas de marmore alvissimo : é terra de Jerusalem sobre as galeras travadas ; os cadaveres dos velhos christãos de Pisa estão aqui sanctificados ; é o leito de descanso dos homens fortes, que morreram em Deus, com a espada áilharga, e os rins ciliciados. Quão suave é este ciciar da relva que ressoa ao longo das galerias ! Cuidais ouvir psalmodia entoada por sombras, hymno de sepulcros escripto em linguagem, que, só depois da morte, conheceremos. »

Mas não era um cemyterio remanso ao soffrimento do moço. Anxias de coração não as suavisa a philosophia da morte. Aquillo serve para os que, n'outro ponto, deixaram fechada a sepultura de suas esperanças.

Passou arrastado o dia, sem que Fernando encontrasse vestigios de

Paulina. Na manhã do seguinte, dirigiu-se á praça onde se ergue a famosa *torre torta*, que o leitor tem visto pintada, e que o marquez de Tavira queria ver, mais que tudo. De feito, estavam o curioso emigrado e Bartholo e as meninas ao pé da maravilha, quando Fernando assomou n'um angulo da praça.

Foi Paulina quem primeiro o viu, e trocou olhares de susto com Eugenia. Bartholo de Briteiros, que já muitas vezes admirára a inclinação mysteriosa da torre, estava mais attento nos palacios da praça, e de relances viu parado o portuguez.

— Aquelle não é o Fernando Gomes?! — disse elle ás filhas.

— Parece... — balbuciou Paulina.

— Quem? — disse o marquez.

— Aquelle patricio em que eu te fallei, primo Tavira.

— Ah! o mindelleiro? — tornou o marquez.

— Tal qual.

— Sempre lhe quero ver o bellicoso aspecto. Ainda não vi um dos sete mil quinhentos Roldões do Mindello — tornou o marquez, dando a saber que tinha sua tal qual instrucção do « Carlos Magno. »

Fernando, posto que tarde, simulou que não vira Bartholo, e foi indo lentamente seu caminho.

O fidalgo deixou as meninas com o marquez e atravessou a praça, estugando o passo para se avisinhar a distancia que elle o ouvisse chamar.

— Sr. Fernando! — clamou Bartholo — patricio! vai tão mediatundo! Parece que receia que a torre venha abaixo!

Fernando olhou com bem fingida surpresa, e retrocedeu a comprimentar o fidalgo.

— Então por aqui?! — disse o pai de Paulina — Acolá estão as meninas, e meu primo o marquez de Tavira, chegado hontem de Roma. Venha ca, se quer conhecer um dos primeiros fidalgos de Portugal.

— Com muito praser irei comprimentar um primo de V. Ex. — disse Fernando.

— Aqui está o Sr. Gomes — disse Bartholo ao marquez — filho de Lisboa, bacharel em direito, e bom rapaz, posto que mordeu muito cartucho nas linhas do Porto, na qualidade de soldado do batalhão academico, e é, aqui onde o vê, cavalleiro da torre e espada, valor, lealdade, e merito!...

O sorriso, que envenenava estas palavras, queimou o sangue do filho do artista. Paulina tinha os olhos fitos n'elle, olhos de dor e compunção, que se Fernando os visse, daria graças a Deus, que a tanto por amor d'elles, o obrigava.

O marquez gesticulou ligeiramente um cortejo de cabeça, e disse:

— Consta-me que em Portugal é toda a gente condecorada por façanhas das linhas do Porto!

— Toda a gente, não, Sr. marquez — disse Fernando — A's linhas

do porto não foi toda a gente ; mas todos quantos la estiveram mereciam bem a condecoração de valor, lealdade e merito.

O marquez desfranziu um riso de compassivo escarneo, e disse :

— Emquanto a *valor*, o general Povoas que o diga, se os *valorosos* o não querem dizer. Em quanto a lealdade, bem se sabe qual foi a lealdade dos bravos, que apedrejaram com patacos D. Pedro no theatro, e mataram Agostinho José Freire nas ruas de Lisboa. Em quanto a merito, isso agora é uma questão de barriga ; a barriga de cada um é que diz o merito de cada qual...

Fernando olhou de revez o marquez, e disse a Bartholo :

— V. Ex. continúa a admirar a torre, e eu vou dar umas voltas, que preciso, antes de recolher-me a Florença.

O marquez ficou mais que muito corrido deste ar de desprezo com que Fernando replicou aos seus dizeres, que elle imaginou não só irrespondiveis, mas capazes de atirar a terra com os creditos d'uma politica. Bartholo tambem se desgostou do menos preço com que o *quidam* tractava seu primo, e não teve mão da sua zanga ; exclamando :

— Então, não tem resposta o que ali disse meu primo marquez ?!

— Não, Sr. — disse Fernando Gomes — Da-me V. Ex. as suas ordens ?

— Passe muito bem, Sr. Gomes — disse o chofrado Bartholo.

Paulina e Eugenia corresponderam o comprimento reverencioso de Fernando. Paulina sentia-se bem satisfeita, soberba da dignidade d'aquelle moço ; Eugenia, porém, doia-se da quebra de brios que soffrera o primo, temia que a ira do pai resultasse desgosto á irman, e anteviu a impossibilidade de nunca mais os dous se aproximarem, sem aberta declaração de guerra com o pai.

— Este sujeito — disse o azedado marquez — quem é la na sua terra ?

— Eu sei ca ! E' o Sr. Fernando Gomes : tal m'o apresentou Jeronimo Bonaparte ! Estes Bonapartes, que se fizeram reis mais depressa que os reis do theatro do salitre e da rua dos condes, impingem á gente com titulo de *notabilidades* quantos patavinas os visitam no desterro ! Qualquer pintor, esculptor, ou poeta, em casa do principe de Mont-fort é igual aos duques, e tem uma cadeira ao lado dos principes : Quem ali vai tem de apertar a mão ao pianista Sampieri, ao cantor Tachinardi, á cantora Degli-Antoni, ao poeta Mery, ao pintor Vernet, ao esculptor Bartolini, e ao Sr. Fernando Gomes que, no dizer do ex-rei de Westphalia, é um enorme sabio. Aqui tens tu, primo marquez, como eu conheci o Sr. Gomes. Dei-lhe uma vez entrada em minha caza, porque me pareceu humilde o sujeito : agora descubri que elle tem seus fumos de orgulho !...

— Não se me dava de lhe abater a prôa ! — atalhou o marquez.— Quería ver se estes valentões do Mindello sustentam a fama ca fóra das linhas....

Bartholo riu-se, e Paulina olhou em rosto o marquez com visivel gesto de despeito.

— Por que?! — disse ella, com mal represada ira.

— Paulina! — murmurou-lhe Eugénia ao ouvido.

Bartholo não dera conta deste incidente, e o marquez, quando ia esclarecer a significação do gesto extranho de sua prima, viu que ella voltava o rosto, e se encobria com as franjas da *sombrinha*.

— Querem ver que ella ama o tal sujeito?! — disse o marquez entre si, e deferiu para mais ao diante a illucidação desta importante suspeita.

No dia seguinte, a familia voltou para Florença.

Fernando já tinha ido.

A's affrontosas palavras do marquez de sobra respondera o silencioso desprezo do filho do artista; não obstante, o tom injurioso alanceara-lhe muito dentro o coração, por ter sido Paulina a testemunha da zombaria.

Pensava elle que a filha do nobre devia amal-o menos por vê-lo assim deprimido, e sem vingança igual ao affrontamento. E' um inferno na alma de quem ama pensar assim!

XI.

Ao cabo de trez semanas de hospedagem regalada, disse o marquez a Bartholo.

— Ora, primo e amigo, é tempo de continuar a minha missão, que interrompi por trez semanas. Bem sabes que a politica me não deixa ser das minhas vontades. Preciso de ir a Inglaterra, em serviço do rei e da nossa causa. Tu, como rico em toda a parte do mundo, não queres participar dos trabalhos lentos da restauração: fazes bem, primo Briteiros; eu é que não posso libertar-me desta missão diplomatica. Espera-me o Seraiva em Londres, e o rei em Berlim, no espaço de quarenta dias. Aqui tens a razão da minha sahida.

— Pois vai, primo — disse Bartholo — mas logo que te desempenhes dessa missão, volta a viver comnosco em Florença.

— Não prometto.

— Não promettes, marquez? Pois assim nos pagas a boa vontade com que te convido e o muito affecto das meninas, que te desejam comnosco!?

— Se ellas me desejam, — tornou o marquez com intencional sorriso — isso é que resta demonstrar, primo Bartholo...

— Pois que! duvidas?

— D'uma, duvido; da outra, tenho a quasi evidencia que me deseja ver pelas costas.

— Ora essa! qual dellas?

— Permite que não vamos adiante nesta penosa conversação,

primo... Evitemos desgostos communs. Tanto soffrerias tu, como eu tenho soffrido...

— Que tens tu soffrido, marquez? Pois ainda agora m'ó dizes !.. — tornou Briteiros sinceramente inquieto.

— Devêia ter-te dito á muitos dias, desde o segundo em que vi tua filha Paulina... basta.

— Homem ! explica-te se não eu obrigo-te a fazel-o por tua honra !

— Pois que assim o queres, sabe a verdade inteira, e reprehende-me se eu tiver procedido mais segundo os dictames do coração que os da honra e parentesco. Eu amei tua filha Paulina com paixão. Se não t'ó disse logo, foi por que me julguei superior a mim mesmo, e aos despotismo do amor. Muitas vezes em Portugal, em Pariz, em Roma, em todas as capitaes da Europa, me julguei vencido por diversas mulheres que encontrei ; e, logo depois de chorar a minha derrota, de repente me rehabilitava pelo esquecimento instantaneo e quasi prodigioso da mulher, que horas antes me acorrentava aos seus mais levianos caprichos. Cuidei que o mesmo me aconteceria com tua filha Paulina : aqui é que o meu orgulho pagou amargamente as suas passadas soberberias. Verdadeira e insanavel paixão me inspirou Paulina ; e, para cumulo de desgraça e vingança d'outras, tua filha, bem longe de amar-me, convencido me deixou de me aborrecer. Primeiro, imaginei que Paulina não podia ou não queria amar alguém : isto podia ser ; porque ha mulheres sem coração, e ha outras que parecem ter quatro : com os homens dá-se o mesmo caso. Porém primo Briteiros, a razão do desamor de tua filha era a mais natural do mundo : é porque tua filha amava e ama outro homem.

— O que ?! — interrompeu iracundo o fidalgo — Minha filha ama outro homem ! Calumnia ! A minha Paulina não ama ninguem ; e hade ser tua mulher, se eu quizer que ella seja tua mulher. Entendes tu, marquez ?

— Perfeitamente entendi, primo ; mas eu é que sou incapaz de permittir violencias, e acceitar esposa violentada. Outrem me julgue tal ; mas tu não, Bartholo, que conheces nossa familia, e sabes que meus avós deram para casa dos reis suas irmãs, e receberam como esposas as filhas dos reis.

— Bem sei, bem sei, que foram esses os costumes da nossa familia ; mas por isso mesmo é preciso que eu obrigue a minha filha a manter-se na dignidade de seus avós. Quem é o homem que ella ama ?

— Pergunta-lh'ó tu, primo. Se ella t'ó não disser, consente que eu, por honra mesmo de nosso sangue, o não pronuncie.

— Quê ? pois ella ama algum canalha ? Responde por quem és, marquez !

— Ja te disse que ha grande deshonna em tal inclinação, primo.

Não forces a minha repugnancia a revellar-te o que de mim mesmo eu quizera poder esconder.

Bartholo de Briteiros andava na sala, aos empurrões das furiás, sacudindo vertiginosamente os braços, em quanto o marquez com a face entre as mãos, e os cotovellos encostados ás almofadas d'uma othomana, lhe relanceava os olhos de infame penetração. Quando viu que era tempo, ergueu-se, tomou nos braços o pai de Paulina e disse-lhe :

— Estou vivamente arrependido. Não devia ter dito nada. Era mais nobre esmagar-me no coração, e poupar o teu de pai, e pai como tu és, meu caro primo. Perdoa-me, e perdoa ás fragilidades de tua filha. E' um amor de criança que ella tem ao....

— Ao quem? — exclamou Briteiros com uma grammatica desculpavel á sua angustia.

— Porque não heide eu dizer-t'ó, se o enlace mesmo de sangue me obriga a vellar pela honra de tua familia, que tambem é minha! Tu nunca suspeitaste deste Fernando Gomes?

— Fernando Gomes! pois tu crês que minha filha ama Fernando Gomes?!

— Creio, sei-o, tenho a maxima certeza. Agora não ha que tergiversar. Cheguei ao ponto de me perder no teu conceito, se não adduzir provas. Paulina vai ao caramanchão, que está sobre o caminho, e d'ali falla com Fernando, ás horas em que tu dormes a sesta. Trocam-se cartas todos os dias. Estes factos são presenciados por quem os quer ver. Vi eu mesmo, depois que me avisaram. Reprehendi a prima Paulina em termos de bom e zeloso parente e amigo. Tua filha respondeu-me com azedume, recommendando-me que me não intromettesse na vida alheia. Repliquei com as mais sagradas razões, dei-lhe como possivel, senão certo, ser Fernando algum miseravel dos que de repente se levantaram da lama de Portugal, e vieram no estrangeiro fazer luzir o ouro, que lhes seria vergonha na patria. Rebateu-me com o mais formal, e mais descomposto desdem, que meus olhos nunca viram em menina com tal idade, e educação, e de tal linhagem! Nesta altura da questão, entendi que o meu dever era deixal-a ao espirito tentador que a quer perder; mas mais sagrado dever me admoestou a que te avisasse, primo, para não tomar sobre mim a cumplicidade d'alguma enorme desgraça, e mais enorme deshonna. Agora, encarecidamente te rogo que te hajas com a cautella e prudencia que tão melindroso negocio requer.

— Que heide eu fazer?! — bradou Bartholo.

— Sai com tuas filhas de Florença; vamos para Londres. Eu irei adiante preparar-te aposentos. Lá, se o troca-tintas a persaguir, eu lhe tornarei impossivel o accesso, e a possibilidade de a ver. Se outro passo deres, receio que seja o peor para te saihes dignamente da diffi-culdade. O ar, com que tua filha me fallou, revella proposito de ferro

é resolução inabalavel. Póde temer-te; mas obedecer-te não. Fia-te em mim, que eu sei o que são mulheres, primo. Finge que não sabes nada. Prepara, com qualquer pretexto, a tua viagem, e tu colherás depois os bons fructos da prudencia. Se, como creio, tua filha mudar de idéas em Londres, com o mais sincero coração te digo que serei ditoso, fazendo-a marqueza de Tavira; mas para que este enlace se possa fazer, é necessario que ella nunca desconfie que eu fui o denunciante deste vergonhoso affecto.

Convens nisto, primo Bartholo?

— Convenho, marquez... Seja assim....

Acabava o pai de Paulina de proferir a ultima palavra, quando as duas meninas, pé ante pé, se affastavam ao longo do corredor, que condusia da sala, em que os dous dealogaram, para o interior da casa.

Paulina lançou-se nos braços da irmã, e exclamou:

Oh! que infame é aquelle homem! que infame!... Que heide eu fazer, Eugenia? diz-m'ò, diz-m'ò por compaixão da tua pobre Paulina!

— Que hasde tu fazer, filha?... Eu sei!... Soffrer, como eu soffri, quando o pai nos tirou de Pariz...

— Isso é que não! — replicou Paulina — Não me deixo assim esmagar! Fernando hade ir tambem para Londres. Vou escrever-lhe, e contar-lhe tudo. Se o não poder ver, terei a coragem de soffrer e esperar, com a cèrtesa de que elle está tambem em Londres... Pois que pensas tu?... Eu não posso esquecer-o assim como tu esqueceste o francez, Eugenia! E' por que tu o não amavas; se o amasses, a desesperação te daria forças! Tenho-as; sinto-me capaz de tudo!... O malvado...! á custa de que infamia, elle queria fazer-me marquez!..

— Eu logo te disse — atalhou Eugenia — que não fazias bem em lhe fallar com tanta soberba, quando elle te reprehendeu...

— Fiz muito bem! desenganei-o: está desenganado para sempre... Agora, tudo o que elle fizer são indignidades, é cada dia, e cada hora heide abominal-o mais.

Aqui tem a leitora bem significada Paulina neste conhecido verso:

A's vezes branca nuvem cospe um raio!

Quem diria que tamanhos vulcões de colera se escondiam no sereno peito da angelical creatura, que parecia talhada de molde para soffrer docilmente o martyrio! Ali está o que faz o sol de Florença! Devem-se á Italia aquellas conflagrações! Em Portugal, me quèr parecer que Paulina não seria aquillo! A minha espionagem de romancista nunca me alviçarou casos identicos de barreiras de Portugal a dentro. Por isso mesmo é que eu tenho de ir em cata dos meus personagens la fora para alternar, com lances de estremecer, as frias historia que tenho posto em livros de que ninguem se espanta, e que passam por as mais

frias, insipidas, e inertes lucubrações do espirito humano. Isto agora, sim!

Paulina cortou o folego da imprecação para ir e escrever a Fernando.

Pôz em resumo o dialogo do pai com o marquez, e a resolução de ambos. Pedia-lhe que os seguisse para Londres, e averiguasse onde se alojavam. Asseverava-lhe que, á custa de tudo, se haviam de ver em Londres; e terminava, com a mais candida desenvoltura que pôde ter uma menina, dizendo que, em extremos de perseguição, ella fugiria para elle, e seria sua esposa.

Na tarde deste dia, Bartholo de Briteiros deitou-se a dormir a sesta: assim lh'o impoz o cauteloso marquez. Fernando tinha já em si a carta e a resposta. Apareceu na praça de Dome, e Paulina no caramanchão. Poucas expressões se trocaram, depois que Fernando atirou a carta.

A resposta era qual a dedicada menina podia mais ambicionar. O amante sentia-se menos desditoso do que ella se imagina. Para elle a afflicção de Paulina era a extrema prova de amor. Antes a queria assim contrariada, e acrisolada ao fogo da oppressão. Incutia-lhe animo e esperanças. Promettia, mediante o auxilio do ministro em Londres, espiair os menores passos do marquez e de Bartholo. Se a não acorçoava a fugir de seu pai, antevia, como primeira hora de sua felicidade sem nuvem, aquella em que Paulina se confiasse á sua honra. Do marquez dizia apenas que era inferior ao seu nojo, e lamentava que os grandes fidalgos andassem a competir em aviltamento com a mais infima ralé.

O marquez, escondido n'uma loja da praça, presenciava os passos de Fernando. O homem, que tanto preleccionára ácerca de prudencia, não teve mão de si. O demonio da pobreza expicassava-o! Era o demonio da pobreza que prevalece ás furias do ciume. Sahio da loja, e veio ao meio da praça, por onde Fernando caminhava com a altivez que dá a felicidade do coração.

Viu elle o marquez, e, a seu pezar, dardejou-lhe um olhar de desprezo, que parecia provocação. O neto dos reis, se havia de ir avante, e deixar o verme, parou, mettu as mãos nas algibeiras, e fez um tregeito de pernas, e assobiou unhas tôadas, que fariam as delicias de um faiante em pleno goso de seus tavernaes meneios.

Fernando sorriu-se, e caminhou:

— O Sr. ri-se? — exclamou o marquez.

— Ri, sim, Sr. — disse placidamente o filho de Francisco Lourenço.

— Que quer dizer o seu riso?! — replicou o fidalgo.

— Que V. Ex: é uma pessoa irrisoria.

— Mas eu arranco-lhe os figados pela boca! bradou o marquez.

— Operação difficil!...—tornou Fernando sorrindo.

— Julga-me da sua bitola, su villão?

— Eu não sei como heide julgal-o, Sr. marquez, depois que o julguei tolo!

E aproximou-se com magestosa serenidade. Fernando parecia crescer, nutrir, illuminar-se, e tornar-se mesmo grande aos olhos do convencionado de Evora-Monte.

— Tem de me dar uma satisfação com armas! — replicou o marquez. — Joga alguma, que não seja o arcabuz do cêrco do Porto?

— Não, Sr.; não joga armas.

— Quer dizer que não se bate?

— Bato com todas.

— Tem padrinhos?

— Os dois primeiros homens que se encontrarem. O primeiro já eu vi.

— Quem? diga-o para lhe enviar os meus.

— E' um pintor: chama-se Leopoldo Roberto.

— Lá me quiz parecer! — disse o marquez gargalhando uma risada secca.

— Que lhe quiz parecer a V. Ex.?!

— Que os seus padrinhos haviam de ser pintores ou cousa que o valessem...

— A coarctada é miseravel, Sr. marquez! V. Ex. é um covarde, que não vale o desprezo do pintor.

O marquez de Tavira levou as mãos ás proprias respeitaveis barbas. Puchou as mechas a um lado e outro com tregeitos muito de incutir terror em almas fracas. Deteve-se um pouco nesta operação minacissima, e tirou do peito alfim estas memorandas cousas:

— Villão seria eu se expozesse a minha vida ao revez de sújar-se com tal competidor! Precisamente, o Sr. é um aventureiro, que anda a farejar mulher dotada cá por paizes onde lhe não conhecem a lama donde sahio. Lá, na patria, sabem-lhe o nome, ou ninguem lh'o sabe, é mais acertado dizer!... Convinha-lhe a filha de Bartholo de Briteiros? Que atrevimento de ambições o seu! Afinal, que espera colher desta aventura?... A correcção dada por um lacaio de meu primo!

— Se o lacaio tiver mais coragem do que V. Ex, em cujos hombros assentaria cabalmente a farda.

— Miseravel!... — rugiu o marquez!

— Tolo! — replicou Fernando.

O primeiro voltou as costas; o filho do artista permaneceu no seu posto alguns minutos, encarando as duas meninas que os viram approximar na praça e ali se detiveram attribuladas.

(*Continúa.*)

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

As Leôas pobres.

I.

O *Atheneu Dramatico* levou á scena a peça (como os autores classificam a sua obra) em 5 actos intitulada *As Leôas pobres*, traduzida do francez, de Emilio Augier e Eduardo Foussier.

Em Paris a commissão de censura, á qual foi, como de dever, submettida esta peça, negou-lhe por duas vezes a licença para a representação. Os autores, porém, tendo recorrido ao Imperador dos Francezes por intervenção do principe Napoleão conseguiram a final a licença: por isso dedicaram a sua obra a este principe.

Já se vê que a representação da peça encontrou opposição no proprio paiz para que fôra escripta.

Examinemos agora se é conveniente entre nós.

II.

O entrecho, como grande parte dos leitores provavelmente sabe, é o seguinte:

Uma moça casada com um sujeito de idade madura, primeiro escrevente de um cartorio, ama o prazer e o luxo sobre todas as cousas, e portanto deseja sobresahir no trajar e na casa a todas as outras mulheres. Mas, como, para satisfazer a essa louca e desenfreada vaidade, não chegam os rendimentos do marido, entrega-se a um moço advogado, casado com uma pupilla daquelle, que a ama e trata como filha; e para coonestar a posse dos objectos valiosos que apresenta e o luxo que alardeia, para occultar ao marido os enormes gastos que faz, refere *pechínchas* impossiveis, industria improvavel e economias de que não é capaz.

O marido, honrado e de boa-fé, e não se ingerindo na compra de objectos para a casa, como acontece ordinariamente em França, deixa-se embair facilmente. Mas a final abre-lhe os olhos uma dessas usurarias industriosas que abundam na capital da *bella terra de França*. (É mister notar que a peça é franceza e escripta para Parizienses—o typo aqui não se conhece.

A usuraria vem exigir o pagamento de obrigações a praso assignadas pela moça. Esta, não contando mais com dinheiro da parte do advogado, o qual além de já estar aborrecido, não possui um ceitil disponível; e não tendo ainda encontrado a geito outro que o substitua plenamente, roga á credora que espere, emquanto vai procurar meios de satisfazer-lhe a divida. Nisto chega o respeitavel escrevente; e á vista do que lhe diga usuraria, paga-lhe, reconhecendo a sua deshonra. A' mulher que então volta, pede contas do seu proceder e pergunta quem é o seu cumplice; a rapariga, a principio succumbida, responde-lhe depois com dictos amargos e insultantes. O pobre homem, angustiado, e sem força para resistir á sua desgraça, foge de casa desatinado, sem saber para onde ir.

Pelo mesmo tempo, levada por indicios que se accumulam e tornam em provas, a esposa do advogado reconhece tambem a infidelidade deste. O velho escrevente vem parar a casa justamente do causador, ou fautor da sua deshonra. Sua pupilla, a qual acabava de ter uma explicação com este, que tudo lhe confessara, sente repugnancia em deixar debaixo do mesmo tecto o offendido—quasi seu pai, e o offensor—seu marido. Tal repugnancia, e um movimento instinctivo da moça, para impedir o tutor de abraçar o advogado (lance admiravel, eminentemente dramatico), desvendam-lhe o segredo: quer atirar-se sobre o culpado, vingar-se; mas aquella protege o esposo, que ao demais já se acha acabrunhado pelas exprobrações e pelos remorsos: então o misero exanime vai abrigar-se em casa de um amigo do advogado, que o conduz sustendo-lhe os passos mal seguros.

Este amigo do advogado, que apparece desde o começo, de genio alegre, mas cheio de bom-senso, moralizando sobre os acontecimentos e dando salutaes conselhos, é o philosopho da peça, o contraste dos outros caracteres.

Quanto á *Leôa*, a qual não entra no 5º acto, sabe-se que, depois da scena vehemente que tivera com seu marido, fôra ao theatro: e semelhante acção, semelhante desenlace pelo que toca á protagonista da peça, é apenas corrigido pela predicção do amigo philosopho, em conversa com o advogado, de que—aquella mulher será castigada, envilecer-se-ha cada dia mais, até ir, *dentro de vinte annos*, parar n'um hospital, acabando na miseria.

III.

Os autores tiveram em vista mostrar os funestos resultados a que pôde levar o excessivo e louco amor do luxo n'uma mulher casada, e não rica : a desharmonia e a desgraça no proprio casal e muita vez em outras famílias, a deshonra, e finalmente o castigo de semelhante vicio. Vejamos se o alvo foi alcançado.

Dizem os autores (scena 7^a do 1^o acto), como querendo responder á commissão de censura : — que se devem expôr á luz as ulceras sociaes, mas applicando-lhes o ferro em brasa, pois a verdadeira funcção da comedia não é animar o vicio guardando-lhe o segredo, mas estigmatizar-o desmascarando-o. É isto exacto, mas só até certo ponto ; porquanto ha vicios, os quaes se poderiam chamar particulares ou intimos, ha delicadezas, arcanos dos vicios, que é melhor, é mais conveniente não patentear em um theatro, salvo se são seguidos logo de punição — já não sómente moral, remota, que o espectador precise de excogitar — mas visivel, estrondosa, e que pareça inevitavel. Sem isto ha antes mal que bem na revelação, o vicio tem muitas vezes encantos, attractivos taes, sobretudo para algumas organizações, que o homem, na illusão que frequentemente procura fazer a si proprio, disfarça os maus resultados para só pensar nos gozos, deixa-se arrastar, aproveita-se dos meios que até ahi não conhecia, e finalmente *perdoa o mal que lhe faz pelo bem que lhe sabe*, como dizem os gulosos.

É verdade, como expõem um dos autores no prefacio da sua obra, que a moral do theatro não consiste na recompensa da virtude e no castigo do vicio, e sim na impressão que o expectador leva. — Estamos de acôrdo : nem sempre é indispensavel que seja patente a punição do vicio e o prémio da virtude ; basta a certeza, a impressão que fica de que o vicio será punido, de que a virtude será laureada. Mas é justamente esta *impressão* — a *lição*, que falta á peça.

Com effeito, ha ahi trechos de excellente moral, de fina observação, lances bem calculados, rasgos de sentimento, toques vigorosos — esbofeteia-se o vicio mais de uma vez e rudemente ; mas aquelle de que se trata acha na propria peça para defender-se razões que, se o não justificam, são pelo menos tão especiosos, que agradam e quadram perfeitamente aos sectarios, tão numerosos ! do *quod volumus facile credimus*. O

vicio ahí mostra-se impudente, e ao mesmo tempo senhor de si, descuidoso ; a virtude, pelo contrario, esmorecida e maltratada : é uma penosa impressão a que fica — o espectador sahe lamentando a sorte do homem bom, e maldizendo a injustiça do ceu, que assim acabrunha aquelle, ao passo que deixa o vicio, para bem dizer, rindo-se e em paz. Para haver *lição*, *exemplo*, falta á virtude a aureola que deve sempre acompanhala de perto ou de longe. Que consolo, que pensamento vivificador leva aquelle homem, quando desesperado ao ver-se trahido por dois entes queridos, retira-se para morrer ?

Dirão que o mancebo, que despertou talvez, e certo alimentou os máos instinctos da mulher do escrevente, o que concorreu pela sua leviandade para o sacrificio do innocente, é esmagado, pelas consequencias do seu mau procedimento — as maguas de sua mulher, o estado lastimoso a que se acha reduzido o bemfeitor e quasi pai desta, as justas reprehensões de ambos. De facto é elle o que soffre a maior punição moral ; mas, além de obter indulto da esposa e por amor da esposa, cujo filho é filho d'elle (no que não vemos um defeito, pois não queremos negar o preceito christão relativo aos verdadeiramente arrependidos) que succede á protagonista (a unica *Leôa pobre*, sem embargo do plural do titulo), a cúmplice no crime, ou antes principal culpada, a que personifica o vicio que a peça pretende corrigir ?

Apenas um dos interlocutores diz que *irá* de aviltamento em aviltamento até parar — dahi a 20 annos ! n'um hospital ; mas *não se vê, não se sabe* que ella soffre, não é *necessariamente* punida, pelo contrario — mulher sem os estimulos da honra, sem o *sentido moral*, vai desfructar o luxo que adora, ser talvez ainda muito feliz e muito querida, talvez morrer em fofas e ricas almofadas, que não no catre miseravel de um hospital — cercada ou não de affectos, que importa a uma alma como a sua ?

Só poderia pungir essa mulher a falta do luxo que almeja, sem lhe importarem os meios de alcança-lo : fôra este pois o unico ponto tangivel, o unico por onde devia ser atacada para ser punida ; entretanto de semelhante falta não padece nem se arreceia, e, como diz no fim do 4º acto, a sua pessoa a não inquieta : tanto está certa de que o seu *eu*, de que o seu vicio favorito achará sempre, por aqui ou por alli, meios de goso. Nella não ha luta entre os sentimentos bons e os maus ; estes

predominam sempre; a estes, como ao seu elemento, entrega-se rindo; cega, deixa-se arrastar pelos seus instinctos, como uma criança, sem encontrar nunca diante de si barreira ou obstaculo algum. O espectador aborrece tal creatura que assim arroja um homem honrado ao abysmo; mas, aborrecendo-a, vê nella apenas uma alma egoista, sem sentimento algum nobre pelo qual possa ser impellida ao bom caminho, sem esperança de emenda e não uma lição, um *exemplo*: afinal esquece-a, para só lembrar-se do desditoso marido.

Os autores portanto não foram felizes no typo que escolheram; não attingiram o fim a que se propuzeram.

IV

Não obstante estas observações geraes, a peça *Leões pobres* seria admissivel, poderia mesmo ser boa para Pariz, talvez para a França; para nós não. Em verdade tudo ahi é essencialmente francez: francezes são os costumes, franceza a sociedade, a vida que alli se pinta, e tão francezes certos assumptos, termos e frases, que se não podem verter simples e litteralmente, e fôra mister, afim de tornal-os comprehensíveis para o publico brasileiro, substituil-os ou explical-os ou supprimil-os (o que não acontece na traducção levada á scena, a qual demais a mais resente-se a cada passo das frases e das palavras francezas). Ajuntem-se a isto nomes francezes de personagens e de lugares, e vêr-se-ha que essa comedia não serve entre nós senão para fazer nascer algumas imitações mais, além das innumeradas que já infelizmente deve o nosso paiz á França.

Já bastam as *mulheres de marmore*, as *Damas das Camélias* e outras que taes, Srs! Acreditem que nem tudo o que é da França é bom; cá e lá más fadas ha, porém talvez por lá em muito maior numero; em todo o caso não queiramos por força crear para o progresso da perversão dos costumes as patentes de introdução que a Lei marcou para a industria. A muitos respeito mais vale o soneto que a emenda, creiam-no; desaprendemos, transviamo-nos, em vez de seguirmos melhor rumo.

Entre nós não se conhecem *leões* ou pelo menos, ainda suppondo que este nome tem emprego aqui, não as ha daquella especie, principalmente por que os costumes são mui diversos: para que provocar o seu apparecimento? O que se diria de um individuo que quizesse fazer nos nossos matos uma

criação de lobos, de leões, ou de tigres de Bengala ? Não bastam os animaes ferozes e damninhos que ahí existem ?

Se as nossas ulceras precisam de ferro em braza para se curarem, applicuem-no ; mas não inoculem junto dessas o veneno de outras de differente natureza. O luxo infrene que vai minando a nossa sociedade em todas as camadas, tem outra origem : olhem para os ultimos factos que tanto alvorotaram esta cidade (*)

Azorruguem-no, esse e outros yicios e defeitos nossos, ataquem-os com as armas que exige a fórma por que se apresentam ; disto carecemos, não de mais francezias.—Se houvesse entre nós mais espirito nacional, essa peça e outras semelhantes, não sustentariam nem a primeira representação.

V

Uma observação agora para concluir.

A traducção é muito pouco cuidada, como já mencionamos.

Não admira isto : no geral das traducções do francez que se fazem entre nós, e sobretudo nas de peças theatraes, que são em maior numero, e de carregação na maxima parte, por que custam menos, nota-se uma ignorancia grande, ás vezes, poder-se-ia dizer, completa, da lingua portugueza ; e erros de traducção por falta de conhecimento da força das palavras e frases da lingua franceza, conhecimento que não dá o abrir á pressa de um mais ou menos incompleto dictionario francez-portuguez, e para o qual é mister alguma luz dos usos familiares e das cousas da França. Não podemos aqui enumerar os defeitos que são muitos ; mas não é licito omittir um, que produz desagradabilissima impressão : o traductor usou n'uma das ultimas scenas da peça de uma palavra (a qual nos dispensamos de escrevêr) que se não acha no original, que não corresponde ás que estão allí (*tripot clandestin*), e que em França, onde tal palavra se escreve e se pronuncia da mesma fórma que entre nós, ninguem a emprega sem abaixar a voz. O traductor, além de commetter uma falta, quiz ser mais *livre* do que os *livres* Francezes !....

Dr. Jacy Monteiro.

Dezembro de 1862.

(*) Referimo-nas principalmente ás occurrencias da alfandega.

Os passaros de Ahmed o Perfeito.

Tradição de Granada.

I.

Os hespanhães costumam encarecer Sevilha ao ponto de fazerem acreditar, que não ha maravilha superior áquella. Sevilha é, com effeito, admiravel, mas Granada não lhe foi, por muitas razões, inferior. Os homens, que remoçaram e melhoraram a primeira, esqueceram ou deixaram inteiramente arruinar a segunda.

Mas em que Granada leva a palma a Sevilha, é nas tradições. Ouvindo as narrativas dos que visitam Alhambra e a Generalifa, parece que se encontra ali a reproducção das mais extraordinarias phantasias das *Mil e uma noites*. Isto explica-se naturalmente quando se considerar que o poder dos moiros durou oito seculos na Hespanha, e que foi Granada o ultimo paiz onde se extinguiu a sua outr'ora poderosissima influencia.

Alguns dos contos granadís são, em verdade, tão singulares que só podemos compara-los aos mais famosos dos paizes biscaynhos. Aquelles povos originaes, que ainda hoje crêem nos beneficios dos amuletos, não deviam forrar-se ao trabalho de indagar para nos referirem, com sinceridade notavel, todos os prodigios e encantos da moirama.

Razão sobeja tem, pois, os que, para contrabalançar o effeito do antigo proverbio sevilhano, não cessam de repetir :

El que no ha visto Granada.

No ha visto nada.

As narrativas granadís do americano Washington Irving são as melhores que temos lido. Com algumas d'ellas pretendemos acrescentar a nossa collecção de *Lendas e Tradições hespanholas*, offerecendo-as primeiramente aos leitores do *Futuro litterario*.

II.

Havia no tempo dos moiros um rei de Granada, a quem o céo dera apenas um filho. O herdeiro do throno granadino chamava-se Ahmed, cognominado pelos cortezãos o *Perfeito*, por causa das eminentes qualidades que para logo revelára na infancia. Consultados os astrologos sobre o futuro de Ahmed, prophetisaram-lhe as maiores venturas; e os astros confirmaram que, quando subisse ao throno, o seu reinado seria feliz e prospero. Era o horoscopo mais apreciavel até pâra um mortal que não fosse moiro. Mas um só perigo ameaçava Ahmed, perigo que se occultava com as rosas da vida,— era o amor.

O rei de Granada, para livrar de tamanho abysmo seu filho unico, ordenou que o encerrassem em um ermo, onde não lhe apparecesse mulher alguma, qualquer que fosse a sua idade, nem viesse despertar-lhe os sentidos sequer uma palavra de amor. Para esse fim mandou construir um sumptuoso palacio, no cimo de uma collina que domina a Alhambra, entre deliciosos jardins. Este palacio ainda hoje tem o nome de Generalifa. O filho do rei ali foi mettido e confiado á solitudine de Eben-Bonabben, philosopho arabe dotado de transcendente sciencia, como se diria em linguagem moderna, porém austero e grave, e dando-se de preferencia ao estudo das coisas occultas e mysteriosas do Egypto.

— Adopte — lhe dissera o rei — todas as providencias que a prudencia lhe suggerir, para que meu filho ignore, durante a mocidade, até o nome de amor; e lembre-se de que, se forem esquecidas as minhas recommendações, a sua cabeça responderá pelas consequencias fataes desta desobediencia.

No rosto enrugado de Eben-Bonabben appareceu um pallido sorriso.

— Principe, — respondeu o velho philosopho, — pôde descansar em mim a severa execução de sua vontade; veja a idade e a figura que tenho. Não posso, portanto, animar os amores, nem transmittir aos outros suas perigosas lições.

No entretanto, o principe Ahmed crescia e estudava sobre a zelosa vigilancia de seu guarda; as pessoas admittidas a servi-lo eram escravos negros, de espantosa fealdade, e mudos. Só Eben-Bonabben podia conversar com o principe e responder ás suas perguntas. Ahmed vira chegar a idade de vinte annos nesta triste solidão. O tempo passado decorrera para elle na meditação da sciencia dos velhos sabios; e tornando-se deste

modo o homem mais instruído, ignorava contudo o nome do amor.

Depois dos vinte annos, operou-se no príncipe subita mudança na maneira do viver; abandonara os estudos para passar dias inteiros nos jardins do palácio. Debalde o philosopho Eben-Bonabben, surprehendido e inquieto por semelhante capricho, quiz distrahir o discipulo applicando-o aos calculos mathematicos; mas Ahmed fugia dos algarismos, com horror, e dizia a seu mestre.

Ensine-me alguma coisa que me falle ao coração.

— Bom! — pensava tristemente o arabe, — em que posição me vejo! Por que fatalidade chegaria o príncipe a descobrir que tem coração!

A sua vigilancia duplicou de rigor junto do real discipulo; mas não podia impedir que continuasse uma vida de illusões e melancolia.

O príncipe couteplava as flôres e as arvores cuja fórma graciosa, variadas côres ou suaves perfumes o commoviam e inebriavam. O sabio Eben-Bonabben, summamente agitado com os progressos do mal, tremia pela sua cabeça, forte com a autoridade do rei, decidiu-se a encerrar Ahmed na torre mais elevada da Generalifa. Desta prisão descobria-se o paiz em grande extensão; mas de tamanha altura os objectos distinguiam-se confusamente, e os perfumes que excitam ao amor não chegavam até lá.

Eben-Bonabben tratou então de procurar para o príncipe algumas distracções que lhe fizessem esquecer os ultimos annos do seu captiveiro. Recordou-se de que n'outro tempo estudara no Egypto a lingua dos passaros com um rabino judeu, que possuia os segredos transmittidos de geração em geração até elle pelo rei Salomão, que sabia tudo. O príncipe Ahmed recebeu com alegria singular a proposta que lhe fez seu mestre. Em pouco tempo se adiantou em o novo estudo, que foi para elle origem de curiosos prazeres. Tinha, enfim, encontrado com quem fallar.

O seu primeiro interlocutor foi um falcão, que havia construido o seu ninho no alto da torre, d'onde se arremessava sobre as prezas. O falcão não agradava ao príncipe, porque só fallava de piratarias ou morticínios commettidos entre os pobres habitantes do ar mais fracos ou menos corajosos que elle.

A segunda ligação que o príncipe teve foi com um mocho, personagem grave, taciturno, que dormia o dia inteiro, e só apparecia de noite. O mocho era muito fallador e vaidoso, e Ahmed pensou que as bravatas desta ave lhe eram ainda mais insupportaveis que os sermões do sabio Eben-Bonabben.

Um morcego e uma andorinha, emfim, completavam a còrte que o príncipe creara. A andorinha era travessa e loquaz em demasia; mudava de logar a cada instante, e não sabia ligar duas idéas.

A torre da Generalifa estava tão elevada que os outros passaros não podiam visital-a; de modo que o príncipe Ahmed chegou a enfastiar-se da monotona loquacidade de seus novos cortesãos.

Passou o inverno, e voltou a primavera com os seus perfumes. Alegres cantares se elevavam dos bosques que cercam a Generalifa. Bandos de passaros vinham ali formar seus ninhos de amor, entoando hymnos ao deus vendado.

O príncipe Ahmed, conhecendo bem a lingua d'aquelles pequenos seres, ficou enlevado ao ouvir uma palavra suavissima cujo sentido ignorava.

— Que é o *amor*?—perguntava elle para comsigo.—Quem me dará a significação de uma palavra tão alegremente repetida por tantos entes?...

Em tal perplexidade foi-se a consultar o seu amigo falcão; depois interrogou o mocho, o morcego e a andorinha. Nenhuma das respostas o satisfez. O príncipe ficára desorientado.

Emquanto Ahmed quebrava a cabeça para advinhar o que seria o amor de que todas as aves fallavam, entrou na sua camara o mestre arabe e elle correu ao seu encontro gritando

— Sabio Eben-Bonabben, ensinou-me cousas maravilhosas, mas ainda ignoro uma, que desejo immediatamente saber.

— Falle, príncipe,—disse Eben-Bonabben.—O seu servo aqui está para o que determinar.

— Diga-me, pois, ó mestre, replicou o mancebo, que é o amor?

O philosopho arabe ouviu a pergunta como se fôra fulminado por um raio; mudou de còr mil vezes, e a cabeça tremia-lhe como se sentisse já o frio do cutelo do carrasco.

Meu Deus! — exclamou com voz commovida, — quem ousaria proferir esta palavra fatal diante do príncipe?

Ahmed, sem responder á pergunta, levou Eben-Bonabben para junto de uma janella, que estava aberta.

— Escute, — lhe disse.

O velho escutou. As avesinhas pousavam entre a ramada perfumada dos jardins da Generalifa. Milhares de vozes subiam em côro para se responderem mutuamente, e nos seus cantos ouvia-se muito bem a palavra: « Amor! amor! amor! »

— *Allah-Akbar!* Deus é grande e Mohamed é seu propheta! — exclamou Eben-Bonabben, que se arrependia de ter ensinado ao seu discipulo a linguagem dos passaros.

— Príncipe, — disse em seguida, — não ouça semelhantes canções, que são fructo do desyario; e visto que a vontade do ceo permittiu que lhe fosse revelada a fatal palavra *Amor*, saiba que designa o mais cruel de todos os flagellos que podem affligir a pobre humanidade. E' o amor que accende entre irmãos e amigos os fachos da discordia e dos odios; seu alento pernicioso dessecca a mocidade em flôr e aniquila-a com as enfermidades de uma decrepitude precoce. Deus o livre amado príncipe, de tão lastimoso tormento.

Acabando esta pregação, o sabio Eben-Bonabben apresou-se em sair, deixando o discipulo entregue á mais singular inquietação.

— Como, — dizia elle para consigo, — como poderei acreditar ás lugubres explicações que me dá o meu mentor? e como é possível que as avezinhas celebrem com tamanha alegria o amor, se o amor é um flagello? Se causa tantas desgraças, para que é que todos os passaros, em vez de victoria-lo, não o combatem? Decididamente, creio que mestre Eben-Bonabben quiz mojar de mim.

Alguns dias depois, o príncipe Ahmed, deitado em um sophá, pensava no mysterio que não tinham querido explicar-lhe. A janella da torre estava aberta; os perfumes das laranjeiras, que cercam o Darro, subiam lentamente com os cantos das aves.

(*Continúa*).

BRITO ARANHA.

Pedro Alvares Cabral desembarcando na Terra de Santa Cruz.

Meu caro redactor.

Tudo quanto instrue e nobilita as aspirações de um povo, é de salutar influencia no presente e no futuro. Qualquer que seja, portanto, a manifestação da arte, tendente a esse fim, deve ser sinceramente animada e applaudida.

Neste presuppuesto, permittir-mé-heis usar do vosso interessante jornal, para, por intermedio d'elle, despertar a attenção do publico em favor da exhibição do quadro historico ao vivo — *Cabral desembarcando na Terra de Santa Cruz* — que, graças aos intelligentes e perseverantes esforços da companhia Dramatica Nacional, acaba de ser posto em scena no theatro do Gymnasio.

Não é, como sabeis, o primeiro trabalho desse genero que realisa aquella Companhia, já anteriormente apresentou ella em scena o bellissimo quadro historico — *O grito do Ypiranga*.

Este quadro figura o Sr. D. Pedro I no momento, em que, nos campos do Ypiranga, solta o brado augusto de—Independencia ou morte !

Nos semblantes deslumbrados dos que acompanham o heróe, transluz o jubilo e a admiração de que se acham possuidos.

Aqui é um velho paulista, que ergue os olhos ao céo, onde vê despontar a aurora da redempção da patria ; ali são as creancinhas, que juncam de flores o caminho por onde tem de passar o monarcha : além é um bravo que de espada desembainhada presta um juramento solemne de fidelidade. E toda esta scena é dominada pelo vulto grandioso do Imperador, que parece ainda circumdado pela aureola de gloria, que devia cingir-lhe a fronte naquelle auspicioso momento em que doava a um povo inteiro a carta de suas liberdades !

Tal foi, assim o cremos, a grata impressão que sentiram todos ao contemplar esse formoso quadro, que reproduz ao vivo a pagina mais brilhante de nossa historia.

O, de que ora vamos rapidamente tratar, representa

Pedro Alvares Cabral e os argonautas lusitanos após seu desembarque na Terra de Santa Cruz.

Aquella entranhada alegria, que alvoroça o peito do navegante no momento em que descortina ao longe o almejado porto, e que illumina o semblante do exausto caminhante ao avistar o marco terminal de sua dilatada jornada ; aquella intensa alegria tão bem descripta pelo Tasso, na *Jerusalem Libertada*, quando, ao verem assomar nas raias do horisonte os muros da Cidade Santa, unisonos exclamam os guerreiros da Cruz :

« *Ecco da milla voci unitamente.*

« *Gerusalemme salutar si sente.* »

ou por Garrett, no *Camões*, mostrando-nos os proprios lusitanos ao aportarem ás costas da India :

« *Terra, terra! bradou gageiro alerta.*

« *Terra! echôa confusa voseria.*

« ou, finalmente, pelo talentoso arto da *Moça Rica*, quando, no magnifico trecho de poesia, que precede a exhibição do quadro historico, de que nos occupamos, escreveu estes inspirados versos :

Terra ! terra ! pela prôa !
 Grita do mastro a vigia.
 Terra ! terra ! brada a gente
 Que para as gaviãs subia !
 Terra aqui ! oh Deus clemente !
 Diz o forte capitão :
 Em vez da morte, renome,
 Novo lustre ao meu brasão ! »

aquella vehemente alegria — repetimos — vê-se reproduzida com fidelidade tal, que enleva e avassalla os animos, na scena, que representa os valorosos lusitanos ajoelhados aos pés da Cruz, rendendo graças ao Eterno, e saudando jubilosos as quinas portuguezas, que acabam de alevantar nas plagas virgens da America, e que já ovantes haviam percorrido desde os areaes da Africa até os palmares da India, segundo a elegante e vigorosa phrase de Lopes de Mendonça.

Eis, em mui ligeiro esboço, o que é o quadro historico ao vivo, de que entendi dever dar ao publico uma succinta noticia.

Poderia dizer mais; basta, porem, que a exhibição desses quadros constitua—o que me parece incontestavel—uma utilição para o povo, para que eu possa de antemão contar com a vossa valiosa cooperação no empenho de tornar popular entre nós esse genero de espectaculos, que são tambem uma nova manifestação do subido merecimento artistico do Sr. H. Fleiuss.

Certo do vosso benevolo assentimento, desde já com prazer me subscrevo.

Vosso amigo muito obrigado

GUILHERME BELLEGARDE.

Rio de Janeiro 14 de Maio de 1863

A MESSALINA.

Amores, flores da perdida vida,
Mulher, não podes respirar jamais;
Teu brilho, filho da descrença immensa
Que em ti nascera, não fulgura mais.

O mundo—immundo— seu desprezo em peso
Sobre teu nome recahir já fez...
Agora chora, que da festa resta
Só o abandono que cercar-te vês!..

Teu peito affeito ao sentimento lento
Do amor impuro que praser te deu,
Na orgia—ria— mas agora implora
Perdão dos homens... compaixão do céu!

Mas arde tarde a labareda leda
Do fogo santo que te quer remir !
Tu' alma a palma de celeste veste
Não mais na terra poderá cingir !

Amante — errante —, perjuraste, andaste
Vendendo affectos— sem pudor, sem fé...
O pranto tanto que a vivace face
Te orvalha agora — só remorso é !

Impia e fria, desprezando o mando
Da verdadeira e virtual moral,
Seguiste o triste e desregrado fado
De vil mundana — que não tem fanal !

Vendestes prestes a capella bella
Que outr'ora a fronte virginal te ornou.
Perjura, impura, n'essa humilde lide
Perdida a crença — sem amor ficou !

Maldicta, afflicta, — gemedora agora,
Eis-te pedindo compaixão e dó !..
E o mundo, — immundo — por affronta aponta
A flôr crestada nas orgias só ? !..

Agora chora teu passado amado
De vis prazeres, que não voltam mais !
Gostosos gosos da perdida vida
Foram-se todos, só te restam ais !

FERREIRA NEVES.



A CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Atafona de romances,
E's um carril a vapor :
Romanticas quanto achas,
E nos folhetios encaixas
Com satânico furor.

(CAMILLO CASTELLO BRANCO.)

Meu Camillo. Velho amigo.
Mestre que, em eras ditosas,
Me deste prestante abrigo :
Destas plagas tão formosas
Quero conversar contigo.

Se ao papagaio mandado, (1) Tens nisto razão que sobre,
Porque és bom, não me condemnas, A dar-te mais não me atrevo ;
Fica o presente addiado : Nesta carta se descobre,
São caras as verdes pennas, Que, do Brasil se te escrevo,
E o cofre está depennado. Já sou parvo, ou inda pobre.

Mostro, só, que não sou vario
Na minha affeição singella ;
E, á ingratidão contrario,
Tambem mostro, por tabella,
Que inda não sou *millionario*.

Sendo-o, ás Musas indiscretas
Não baixava as minhas vistas ;
Dado a *letras* mais dilectas,
Não fallava a romancistas,
Não dava trela a poetas.

Quem outras *letras* abraça,
Porque é rico, e não é tonto,
Nas tuas não acha graça,
Que não tem ellas desconto
De rico peito na praça.

Isto de amor, e amisade,
De affeições e sympathias,
São pieguices de outra idade,
Das avós, das velhas tias,
De alguma freira, e algum frade.

Não sou barão, conselheiro,
Nem fidalgo de pé torto,
Nem visconde por dinheiro :
Se algum dia eu fôr ao Porto
Não me chamam brasileiro.

Hão-de, só, chamar-me tolo,
Que á lingua dei desafogo,
Dando voltas ao miolo,
E me levantei do jogo
Sem ter levantado o bolo.

Escrevesse obras supremas,
Cantasse eu como tu cantas,
Que enriquecesse não temas :
De carne secca dez *mantas*
Nutrem mais que cem poemas.

(1) Em Portugal, especialmente no Porto, é muito usado o gracejo de pedir um papagaio ás pessoas conhecidas que partem para o Brasil. Isto é sabido por meio mundo. Faz-se esta nota para os habitantes do outro meio.

Um irmão tenho aqui perto
Que, feliz ou desgraçado,
Seja louco ou seja esperto,
Ou gastador, ou poupado,
Hade *enriquecer* de certo !...

Devo rasgar-te o sophisma,
Ou o enigma, tão profundo,
Em que a mente se te abysma :
De *Henrique ser*, neste mundo,
Livial-o só póde o chrisma.

Nem esse refugio eu tenho !
Que em mim só no nome ha—*tino*—
Alguem sustenta, e eu convenho ;
Pois, se tenho engenho fino,
Não dou azeite no engenho.

(Se vês da critica o malho
Malhar de Gongora os brilhos,
Deixa bater, que eu não ralho :
Quem mais dá nos trocadilhos,
Menos lhe sabe o trabalho.)

Dizer-te mal desta terra,
Não direi, não sou ingrato ;
Mas (quem t'ó jurar não erra)
Cá ou lá, ser litterato
A' riqueza é fazer guerra.

Tenho amigos, é verdade,
Mentia, se t'ó negasse ;
Sei até que, se a amizade
Fosse cousa que engordasse,
Tinha eu cachaço de frade.

(Esta rima é um tormento !
Só em dezesseis quintilhas
Dous frades, sem tal intento !...
Em que fraqueza me pilhas !...
Fiz de uma carta um convento !)

Adiante. Subi um furo ;
Fui ás nuvens elevado,
Sou redactor do — FUTURO — ;
Mas olha que estou *passado*,
Que o presente é osso duro.

Vou roendo, e de maneira
Que sinto os queixos doridos ;
Mas é minha a culpa inteira,
Pois dizem os entendidos
Que fiz uma grande asneira.

Eu sei que ser jornalista ;
Com maus versos, e más prosas,
Andar dos cobres na pista,
E' nestas eras famosas,
Ter olhos e não ter vista.

Mas não foi só essa, amigo,
A asneira, já confessada ;
Fallo em segredo comtigo :
— Cuidado, não digas nada
Do que, baixinho, te digo.

Veio o — FUTURO — a terreiro,
E aos assignantes foi dado,
Mas, depois, fui tolo inteiro,
E confesso-o envergonhado...
Mandei-lhes pedir dinheiro !...

Que parvo fui ! Que pedante !...
Pude julgar, indiscreto,
Nestas cousas ignorante,
Que era uma *letra* o prospecto,
E o que assignou *acceitante* !...

Seguiu-se o castigo ao crime ;
Bradaram muitos : « Não pago ! »
E o que de pagar se exime
Não se abranda pelo affago,
Nem esta queixa o deprime !

E a casa tem senhoria,
Querem paga os gravadores,
Querem paga a typographia,
Querem-n'a alguns escriptores,
E eu... tambem a acceitaria...

E quem pagou por inteiro
O preço da assignatura,
Se eu for vender o tinteiro,
Ou goste, ou não, da leitura,
Dirá que sou caloteiro !

Heide ir pela rua adiante, « Dá-m'ó, sim ; ja que tu brilhas
 Bolsa leve, e roupa gasta, « No estylo, sempre luido,
 E ouvirei, de voz possante : « Em que fazes maravilhas,
 — Que firma !... E' poeta e basta !.. « Dá-me o barão, que espremido
 Comeu-nos !.. Oh !.. que tratante !.. « Rende bem quatro quintilhas !

A consciencia. inda sem chaga, « Dá-m'ó, sim, façam-se as pazes ;
 Hade incommoda-la a fama ; « Tu, que és grande pelo invento,
 E a nossa lingua é tão vaga !... « Que barões e condes fazes,
 — Camillo ! — Como se chama « Deixa-me o divertimento
 O que assignou e não paga ?... « De escovar estes rapazes ! »

Eu tenho um mau dictionario E tu, n'um rapido lance,
 Que apenas acção indica Sobre a presa cavalgavas ;
 No — R — no mais é vario ; E, medindo todo o alcance,
 E na letra — L — só fica N'um galope desfilavas,
 Se designa o refractario !... La vinha mais um romance !

Deste dictionario ingrato E o barão, ao desconforto
 Não gosto, que ali se ferem Cedia, ao ver-se cantado ;
 Reputações que eu acato : E, do seu valor absorto,
 — Dêem-me dinheiro, se querem Tinha o livro encadernado
 Que eu compre outro mais exacto. Em couro de barão morto !

Ai ! Camillo, que saudades E' verdade que o não lia ;
 Tenho das noites compridas Mas n'alma (se a tinha) pura,
 Em que, amigos e confrades, Odio sei que o não havia,
 Vinham gentes bem vestidas Pois despresava a leitura
 Ouvir-nos nuas verdades ! Só porque ler não sabia.

Tivemos optima escola Comprava, que a voz da fama
 No teu *mundo patarata* ; Como heroe o apregoava ;
 E a lembrança me consola E o barão ardia em chamma,
 De que se eu gritava : « mata ! » Pois n'outro livro, constava
 La bradavas tu : « degolla ! » Que um Camões cantara um Gama.

Não deixavamos inteiros Era então, que o teu Faustino
 Pretenciosos estadistas, Em verso frouxo, e rasteiro,
 Ou falsos testamenteiros, Cedendo ao louco destino,
 Nem nobres contrabandistas, Se agarrava ao tal sendeiro
 Nem fidalgos *moedeiros*. Qual tolo á corda do sino.

Se agarrado ao gorgomillo E se um epigramma fende
 Irado, ás vezes, te via A dura carne ensaccada,
 De um barão, d'isto ou d'aquillo, O bom homem não se offende ;
 Com que humildade eu pedia : O que é chulo, só, lhe agrada,
 « Dás-me esse barão, Camillo ? O que é serio não entende.

E o barão, que se consola,
Acha nos versos verdade,
Porque lhe tocam na moça,
Despertando-lhe a saudade
Das cantigas á viola!

Julguei que era triste fado
Ter de ser cantor burlesco
Quem vivia amargurado;
Disse-te adeus, puz-me ao fresco,
Deixei-te o campo abastado.

Sei que por mim não choraram
O pranto da despedida;
Mas sabem hoje que erraram,
Pois perderam a partida,
E as letras patrias ganharam.

Que tu, raposo matreiro,
Ou antes faminto lobo,
Invadindo o gallinheiro,
Do papo de cada bobo,
Arrancas um livro inteiro.

Neste seculo das luzes
Mais a luz tua vigora;
Que, filado aos taes lapuzes,
Deixas um puxando á nora,
E os outros sao alcatruzes.

E fazes, d'istante a instante,
Nas concepções tão fecundo
Como nos partos brilhante,
Que se espante o velho mundo,
Que o mundo novo se espante.

E cá nós, os portuguezes,
Saudosos da patria amada,
Tinha-mos todos os mezes
Dous paquetes, que á chegada
Nos alegravam mil vezes.

« O paquete chegaria? »
« Tardará muito? Já veio? »
« Que novidades traria? »
Disto andava tudo cheio,
Nem outra cousa se ouvia!

Ninguem hoje sae á rua
Por saber novas da terra;
Se ao longe o vapor fluctua,
Já cá sabemos que encerra
Noticia de uma obra tua.

E apenas a vista alcance
Por signal o galhardete,
Ao vê-lo, em rapido lance,
Ninguem diz: « Chega o Paquete! »
Dizem só: « La vem romance! »

Mais comedia, mais um conto,
Mais artigos de sciencia,
Mais um drama quasi prompto,
Não ha nunca reticencia,
Não ha virgula, nem ponto!..

Isto, amigo, não se atura!
Tu, se escreves a cavallo,
Modera mais a andadura:
— Tempo que dás de intervallo
Não chega para a leitura! —

Mas se intentas bem montado,
Correr o mundo em que moras.
Sempre em galope dobrado,
Quando la não haja esporas,
Não quero vêr-te parado.

Dou-te assumptos verdadeiros,
Em que hasde marchar seguro;
Mando-te nomes inteiros
De assignantes do — FUTURO —
— Mas é só dos caloteiros.

JUNHO DE 1863.

F. X. DE NOVAES.

CHRONICA.

Rio de Janeiro, 15 de Junho de 1863.

Os homens que se occupam seriamente das cousas do Brasil tem um duplo titulo ao nosso reconhecimento: o que resulta do proprio facto e o que procede da singularidade e da estranheza delle, no meio da indifferença e da exaggeração.

Por isso menciono logo no começo da chronica o livro do Sr. Wolff, o *Brasil Litterario*, bello volume em francez, que se não encontra ainda ou não se encontra já nas livrarias.

Tive occasião de folhear esse volume, mas apenas folhear. O autor procurou ser o mais minucioso possivel, e pareceu-me que o foi. Reparei, é certo, na exclusão de alguns verdadeiros poetas e na menção de outros a quem Alceste podia dirigir esta interrogação:

Quel besoin si pressent avez-vous de rimer ?

Et qui diantre vous pousse à vous faire imprimer ?

Mas tudo é desculpavel quando ha no livro muito para agradecer. O Sr. Wolf recorreu-se do mais que podia para compor a sua obra; esse interesse e os verdadeiros resultados conseguidos, tornam o seu nome digno de gratidão dos brasileiros.

E relativamente as publicações litterarias não tenho muito mais de que fallar. Com um livro termino esse escasso capitulo. O livro é o 2º volume das lições de historia patria do Sr. Dr. Macedo. Sabem todos que o excellente poeta da *Nebulosa* estuda e sabe a fundo a historia nacional a que se dedica como um homem que lhe conhece a importancia. Estes livros são destinados ao uso da mocidade.

Os que estimam as letras vão ter occasião de apreciar uma novidade no paiz e ao mesmo tempo vão ter conhecimento de obras ineditas de autores conhecidos e estimados. Os meus leitores hão de lembrasse de uma carta que eu publiquei, escripta pelo Sr. A. de Pascoal ao Sr. A. E. Zaluar. Era um convite para instituir leituras publicas ao uso de Inglaterra e Allemanha. Não se effectuou a reunião necessaria e annunciada e as leituras não si fizeram como fora de desejar. Entretanto a idéa ficou, e o Sr. Zaluar pretende realisal-a dentro de poucos dias. O primeiro curso é de seis leituras, como simples ensaio, a ver se o nosso publico possui a necessaria attenção, concentração e gosto para diversões dessa natureza.

Não desejo outra cousa mais do que o bom resultado da tentativa, a respeito da qual muitos louvores devem caber ao poeta das *Revelações*.

A imprensa conta mais um legionario, mas legionario tal que me colloca em uma difficil posição sobre o que lhe hei de dizer. O Sr. L. de Nerciati, acha-se á frente de um jornal francez intitulado *Le Nouvelliste de Rio de Janeiro*. Suas vistas ácerca do Brasil são, como declara, as mais cordatas e bem dispostas. E' entretanto um órgão do partido legitimista, cuja bandeira hasteou, sem rebuço ou reserva. Ora, semelhante bandeira nesta terra faz o effeito od

calção e meia de seda entra as calças largas da civilização. A discussão dessas idéas destina-se unicamente á população franceza; mas, não interessando, nem pela singularidade, ao resto da população e nem á uma boa parte daquella, não creio no successo do *Nouvelliste*.

Seja-lhe entretanto levada em conta a sua boa vontade a nosso respeito. Ponham-se de parte aquellas convicções; a penna do Sr. de Nerciat deseja acertar no estudo das nossas cousas. Se puder conservar a separação devida entre os dous objectos a que se destina a sua gazeta, terá a gratidão de todos, certos como estão todos de que, em terra americana, as suas opiniões antiquadas não convencem nem arrastam ninguém.

Está o bispado do Rio de Janeiro acephalo. Falleceu na idade de 65 annos o Sr. D Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, conde de Irajá, auctor de varias obras de theologia e moral. E' cousa que todos sabem. O que ninguém ainda sabe é sobre quem recahirá a escolha do governo para substituir o finado prelado. Essa escolha será das mais difficeis; precisa-se de um prelado altamente energico e illustrado, que se compenetre da sua missão, e faça do clero aquillo que elle não é; um prelado cuja força possa esmerilhar nesse corpo mais fanatico que religioso, mais intolerante que instruido, os elementos puros ou aproveitaveis e com elles emprehender a obra ardua de uma regeneração.

Tenho fugido hoje ao enlace dos periodos e faço nos assumptos verdadeiros saltos mortaes. Assim o pede a hora. Foi o leitor ouvir o Sr. Croner? Perdeu se não foi. Este artista que, como é sabido, foi buscar a Londres a consagração do seu talento, justificou os juizos anteriores. Em um instrumento tão ingrato, como é o clarinete, sabe o Sr. Croner despertar as mais delicadas harmonias. Pelo que respeita aos segredos da arte, ouvi a seu respeito honrosas palavras. O Sr. Croner pretende dar ainda um concerto, depois do que irá ao Rio da Prata. Se o leitor é curioso, e ainda não ouviu o Sr. Croner, vá no dia 19 ao Gymnasio.

Terminarei transcrevendo para aqui a carta que o nosso illustre poeta Gonçalves Dias escreveu de Dresde ao Dr. Antonio Henriques Leal, no Maranhão.

« Desde o começo deste anno que estou lutando com um ataque de rheumatismo, que me tem feito ver as estrellas e esgotado a pouca somma de paciencia com que Deus foi servido dotar-me. Ha dous dias que me levanto, mal posso andar de fraqueza e escrevo com difficuldade.

« Assim, pois, antes de partir para Carlsbad affim de concertar o meu fígado e de ver se desaparece um resto de ascite que me ficou, tenho de ir aos banhos de Tiplitz, aqui nas vizinhanças de Dresde, a ver se as minhas juntas querem tomar juizo.

« Todo o anno passado foi perdido para mim, e este vai ainda pelo mesmo teor: levanto-me da cama agora. Maio, passo em Tiplitz, Junho e Julho em Carlsbad, depois mais um, ou dous mezes de resguardo, lá se vai o anno!

« Quando me convencer de que isto não ata, nem desata, tomo uma resolução, e adeos. Vou-me para o nosso Maranhão até que os tempos mudem, se mudarem! »

MACHADO DE ASSIS.

O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

COLLABORADO POR VARIOS ESCRITORES BRASILEIROS E PORTUGUEZES

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.

Em todos os numeros (ou pelo menos em um de cada mez) se dará uma gravura.

Afiança-se a publicação por um anno, e não se recebem assignaturas por menos prazo.

Condições da assignatura.

Para a Côte 15\$000 — Para fóra da Côte e Provincias 17\$000.

Assigna-se no escriptorio da redacção

RUA DO OUVIDOR N. 46, 1.º ANDAR,

onde devem ser dirigidas todas as reclamações e toda a correspondencia relativa ao periodico.

São correspondentes.

Os Srs.

Catilina & Comp.	Bahia.
CunhaIrmãos & Comp.	Pernambuco.
Luiz Augusto de Oliveira	Maranhão.
Joaquim Baptista Moreira	Pará.
Silva & Costa	Rio Grande do Sul.
Francisco Luiz Ribeiro	Pelotas.
Joaquim Alves Leite	Porto-Alegre.
J. J. de S. Ayram Martins	Santos.
Felizardo Toscano de Brito	Parahyba do Norte.
José Gonçalves Guimarães. . . .	Maceió.
A. L. Garraux	S. Paulo.
Henrique Xavier de Novaes. . . .	Vassouras.